

# PERDA DA AURA DA CIDADE

## LOSS OF THE CITY'S AURA

Erinaldo Sales

---

Doutorando em Estética pelo PPG FAU da Universidade de Brasília – UnB.

---

### RESUMO

Tomando como ponto de partida um trecho do texto “Paris, capital do século XIX”, de Walter Benjamin, pretende-se abordar alguns pontos da questão da identidade arquitetônica das cidades, em função do desenvolvimento moderno, e a perda da aura, não mais do indivíduo, como expõe Benjamin, mas a perda da aura da cidade.

**Palavras-chave:** Aura; Identidade arquitetônica; Cidades.

---

### ABSTRACT

*Taking as starting point a part of the text “Paris, capital of the nineteenth century”, by Walter Benjamin, it is intended to talk about some points of the question of the architectural identity of cities during its modern development and the loss of the aura, no more individual as Benjamin says, but the loss of the city's aura.*

**Keywords:** Aura; Architectural identity; Cities.

---

**Tomando como ponto de partida um trecho do texto “Paris, capital do século XIX”, Walter Benjamin, pretende-se abordar alguns pontos da questão da identidade arquitetônica das cidades, em função do desenvolvimento moderno, e a perda da aura, não mais do indivíduo, como expõe Benjamin, mas a perda da aura da cidade.**

A aura, para Benjamin, nas palavras de Kothe<sup>1</sup>

é a aparição única de algo distante. É exemplificada pela iridescência que se constitui em torno de um ramo ou cordilheira quando olhado contra o sol. É a essência mesma da obra de arte simbólica. Termo proveniente da esfera teológica, aponta para a origem religiosa da arte e o culto que lhe tem sido devotado. Benjamin dedicou-se especialmente ao estudo do processo de desagregação da aura em suas causas econômico-sociais. O “algo distante” (*Ferne*) pode atravessar as categorias kantianas do espaço e do tempo, separadas ou conjugadamente.

A aura, ainda de acordo com o filósofo, está associada ao conceito de alegoria, pois carregam consigo a representação do outro, e insiste e reivindica para si um caráter único. A modernidade, para Benjamin,

caracteriza-se pela destruição da aura “na experiência do choque” (Kothe, *op. cit.*), e isso teria sido expresso, pela primeira vez, na poesia de Baudelaire.

Identificada primeiramente no aspecto narrativo e posteriormente levada à análise da arte de maneira geral, a aura “estaria sendo destruída nos tempos modernos por causa do desaparecimento de atividades favoráveis ao contar histórias, bem como devido à perda da categoria da experiência com a massificação” (idem). Benjamin postula a destruição da aura na obra *Trabalho de passagens*, em que ele busca estudar o passado em função do presente, a época de Baudelaire, e o que estava mais próximo do filósofo naquele período, a cidade de Paris.

No texto “Paris, capital do século XIX”<sup>2</sup>, no primeiro tópico, subintitulado “Fourier ou as passagens”, Benjamin trata das passagens ou “galerias” surgidas em Paris após 1822. Como primeira condição para isso, ele aponta o florescimento da alta do comércio têxtil. Dessa forma, as galerias como sendo as precursoras das grandes casas comerciais. Além disso, elas são centros comerciais de mercadorias de luxo, onde, com a decoração, “a arte põe-se a serviço do comerciante”. Também as galerias são apontadas como os cenários das primeiras iluminações a gás.

---

<sup>1</sup>KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, pág. 107.

<sup>2</sup>Walter Benjamin – Sociologia. São Paulo: Ática, 1985.

A segunda condição para o surgimento das galerias é dada pelos primórdios da construção com ferro, porém os arquitetos não reconheceram a natureza funcional do ferro naquele momento. Nesse período, começa-se a se impor o conceito de engenheiro, e há uma luta entre construtor e decorador. Com o ferro aparece, pela primeira vez na história da arquitetura, um material artificial, e o trilho é apontado como precursor da viga de sustentação. Nesse momento, evita-se o ferro em moradias, mas é utilizado com fins de trânsito (galerias, salas de exposições, estações de trem). Simultaneamente, amplia-se o campo de aplicação do vidro na arquitetura.

Benjamin escreve que

À forma de um meio de construção que, no começo, ainda é dominada pela do modo antigo (Marx), correspondem imagens na consciência coletiva em que o novo se interpenetra como o antigo. Essas imagens são imagens do desejo e, nelas, a coletividade procura tanto superar quanto transfigurar as carências do produto social, bem como as deficiências da ordem social da produção. Além disso, nessas imagens desiderativas aparecem a enfática aspiração de se distinguir do antiquado – mas isto quer dizer: do passado recente. Tais tendências fazer retroagir até o passado remoto à fantasia imagética impulsionada pelo novo.

Benjamin apresenta, então, a 'Utopia de Fourier': cânone do *phalanstère*, em que seu impulso se dá com o surgimento das máquinas. A condição para essa complexa organização aparece como maquinaria. A reestruturação desse tipo de espaço proposto por Fourier é reacionária, pois esses lugares, que serviam originalmente a finalidades comerciais, tornaram-se moradias. O falanstério torna-se uma cidade feita de moradias. Cria-se, como tudo isso, o que estamos chamando de "identidade arquitetônica".

Esse conceito é relativamente recente, embora se utilize de elementos que perpassam vários outros conceitos em diferentes áreas:

Identidade arquitetônica não é uma fórmula, uma essência racional a ser encontrada, uma sequência mecânica de influências de formas passadas e contemporâneas – fazer o Máximo com o mínimo, em qualquer escala, com a sustentabilidade como muleta de sensibilidade, como uma lista pré-definida de qualidades para identificar, adequar e repetir –, mas sim um fenômeno vivencial que é estabelecido pelo uso do espaço, sua diversidade de indivíduos, grupos e formas de apropriação. A identidade arquitetônica não se manifesta apenas na obra arquitetônica, mas sim na junção de todos os fenômenos culturais que o cercam – os arquitetos que projetaram os edifícios, os habitantes e os que viabilizaram sua realização –, não se impõem ao ambiente, mas se adaptam e dão a impressão que surgiram naturalmente, como se sempre estivessem lá.

Logo repeti-los de forma mecânica e forçada é uma total transgressão. Não se sabe se aquela é uma manifestação autêntica de fato, ou se estamos simbolicamente parodiando um fetiche de um espaço que desperta nossa admiração acrítica. Em suma a identidade arquitetônica está muito longe de ser uma entidade metafísica e invariável. A marcação desse território acontece não apenas por limites geográficos ou referenciais visuais, mas pela apropriação do mesmo preservando a memória coletiva, recuperando os significados e a identidade local tendo em vista suas carências valores e peculiaridades. A arquitetura é uma manifestação do homem para o homem e a própria identidade arquitetônica se faz respeitar.<sup>3</sup>

Partindo desse conceito, e tomando como exemplos as cidades de Paris, Veneza, Barcelona, entre outras, até mesmo Brasília, percebe-se uma clara marca de identidade que essas cidades adquiriam ao longo do tempo. Mesmo assim, é maior ainda o descaso como essas cidades, em que a onda modernista, a partir da globalização, vem desenvolvendo e descaracterizando a identidade dessas e de outras cidades ao redor do mundo. O que vem ocorrendo é o que estamos tentando identificar aqui como perda da aura das cidades. Como afirmam Zaheer Allam & Zarrin Allam<sup>4</sup>:

Entramos em uma era de "modernização", liderada pelo mundo ocidental. Em nossos tempos de expansão demográfica sem precedentes, o desenvolvimento de infraestruturas está correndo para atender a demanda da oferta. Como arquitetos e designers, temos sido pressionados a adotar o consumismo. A globalização tem sido adotada como uma solução para o problema. Os países em desenvolvimento têm equiparado a prosperidade econômica e sucesso com a adoção da "arquitetura contemporânea", numa tentativa de demonstrar liderança e inovação. E *voilà*, temos uma paleta de edifícios elegantes para atender as necessidades da população, bem como para "modernizar" a nossa paisagem. Sem dúvida, imitar a fórmula de países tecnologicamente avançados atrairá olhares para nós.

Ou seja, os lugares que se apresentam nas cidades, bem como todo o conjunto arquitetônico e mesmo o conjunto urbanístico delas, constituem cenários que remetem a lembranças de outras épocas, seja pela vivência, pela memória ou mesmo pelos fatores históricos a elas relacionados. Por isso mesmo, essas lembranças carregam consigo uma carga simbólica que guarda narrativas relacionadas às vidas das pessoas. A

<sup>3</sup>Disponível em: <http://novasteorias.blogspot.com.br/2009/05/identidade-arquitetonica-nao-e-uma.html>.

<sup>4</sup>Zaheer Allam & Zarrin Allam. "Invasive Aesthetics: um manifesto para reviver a identidade arquitetônica em nações em desenvolvimento" [Invasive Aesthetics: A Manifesto for Reviving Architectural Identity in Developing Nations] 06 Jul 2013. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo) Acessado 23 Nov 2014. <<http://www.archdaily.com.br/125618/invasive-aesthetics-um-manifesto-para-reviver-a-identidade-arquitetonica-em-nacoes-em-desenvolvimento>>

perda da aura de algumas cidades, em função da globalização, vem sendo acentuadas de maneira bem drástica nos últimos tempos. Esses lugares, outrora definidos e diferenciados pelas suas diversificações, hoje tendem a se caracterizarem por uma uniformidade nas construções, uma convergência para aspectos igualitários em termos de modernização, mas que, do ponto de vista social, apresentam uma enorme desigualdade. Para Zaheer Allam & Zarrin Allam<sup>5</sup>, a imitação de construções dos países mais avançados tecnologicamente (e conseqüentemente mais ricos) por países economicamente menos desenvolvidos serve para atrair a atenção a essas construções, mas não é necessariamente um aspecto positivo:

Está se criando uma uniformidade arquitetônica global com projetos promovidos por "gurus arquitetônicos" ocidentais que são replicados em todo o mundo. Estamos negligenciando elementos contextuais vibrantes e, conseqüentemente, construindo um mundo genérico que carece de facetas humanas. Não seria uma tragédia se Paris, Veneza e Barcelona fossem semelhantes? Não lamentaríamos a vibração das ruas parisienses em torno da Torre Eiffel, o romantismo das águas de Veneza e a monumental Sagrada Família, que domina os céus de Barcelona? Será que realmente queremos um mundo que é, basicamente, uma imagem espelhada dos Estados Unidos?

<sup>5</sup>Idem.

<sup>6</sup>ARGAN, Giulio C. *História da arte como história da cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pág. 225

<sup>7</sup>Imagem disponível em: [http://acritica.uol.com.br/manaus/Amazonia-Amazonas-Manaus-Casa-Vida-inscricoes-abertas-internet\\_0\\_715128534.html](http://acritica.uol.com.br/manaus/Amazonia-Amazonas-Manaus-Casa-Vida-inscricoes-abertas-internet_0_715128534.html)

Já em 1984, no livro *História da arte como história da cidade*<sup>6</sup>, Giulio Argan chamava a atenção para a questão (ou problema) do urbanismo:

Como disciplina que visa interpretar, estabelecer, reorganizar e finalmente programar para o futuro a configuração da cidade, o urbanismo está se separando cada vez mais do seu objeto, dir-se-ia até que aspira a destruí-lo. Ora propõe descentralizar, desarticular, desmembrar a cidade, transformando-a em uma inflorescência ou em uma constelação de pequenos aglomerados sociais, coordenados mas autossuficientes, nenhum dos quais, entretanto, teria a estrutura, o caráter, a configuração da cidade (...).

Isso fica muito evidente quando se observa (e, ainda mais, se analisa) um conglomerado habitacional como os que são feitos pelo governo federal brasileiro para o projeto "Minha casa, minha vida". A imagem<sup>7</sup> abaixo ilustra um desses complexos (FIGURA 1):

Se fossem inseridas aqui imagens de algumas cidades, pelo menos dos pontos mais importantes, ou dos pontos históricos e turísticos, as fotos das cidades de Paris, Veneza, Brasília e até mesmo Dubai seriam facilmente reconhecíveis pelas características, por suas construções arquitetônicas. Ou seja, há uma aura dessas cidades. Algo que não acontece necessariamente com a imagem acima, seja ela no interior de São Paulo, em Águas Lindas de Goiás ou no Nordeste brasileiro, pois são praticamente todas iguais.



**FIGURA 1**  
Complexo Minha Casa Minha Vida

Para reforçar esse aspecto, retomamos as considerações de Kothe<sup>8</sup> sobre a questão da aura e alegoria em Benjamin:

Como na metáfora, duas coisas diversas suspendem sua auto-identidade isolada em função de um denominador comum, tanto mais surpreendente quanto maior for a diferença entre elas. Tal diferença pode e deve funcionar como elemento motriz, como elemento energético, enquanto que a identidade é a condição de sua possibilidade.

Insistindo ainda nesse aspecto, poderíamos questionar a situação das favelas brasileiras, sobretudo no aspecto urbanístico, mas também estético, como a imagem abaixo<sup>9</sup> (FIGURA 2):

Do ponto de vista arquitetônico, podemos questionar a caracterização de uma identidade para esses tipos de construções? Há realmente uma aura, no sentido benjaminiano do termo, de haver uma identidade, uma essência de simbolismo, como podemos perceber claramente em outras cidades? Que haja uma aura individual, mesmo que vagamente, em cada indivíduo que more numa favela, ou mesmo num aglomerado habitacional (que não se caracteriza – formalmente – como favela), isso podemos afirmar até certo ponto. Mesmo que, para Benjamin, a aura na modernidade tenha se perdido com a massificação imposta nas grandes cidades, cada indivíduo porta algum aspecto de singularização que o diferencia dos demais habitantes e seres.

De qualquer forma, ampliando essa aspectualização, essa caracterização para as cidades, percebemos, por um lado, que há, sim, uma aura clara e marcadamente distinguível em várias cidades pelo mundo, inclusive em cidades mais recentes, como Dubai. Por outro lado, cidades mais antigas, como a citada Paris, ou o Rio de Janeiro, que guardam uma marca clara da sua identidade, da sua aura, estão se transformando, pelo menos em alguns aspectos de construção, em uma normatividade formal na sua condição de projetar e construir.

Perguntado sobre a questão da identidade na arquitetura brasileira pela Revista Cult<sup>10</sup>, o arquiteto Carlos Lemos deu a seguinte resposta:

**Você acha que com a globalização a arquitetura brasileira perde sua identidade?**

**Carlos Lemos** – Olha, a arquitetura brasileira nunca teve uma identidade. Mesmo porque não existe uma arquitetura brasileira, essa que é fácil de ser reconhecida, talvez só no período de colônia. Hoje em dia não. O que existe são manifestações pessoais. O que a gente reconhece como na pintura, em geral pode-se reconhecer quem se sobressai, como o Oscar Niemeyer. Tem um,

dois ou três que você reconhece como fulano ou sicrano, o restante está tudo massificado. Claro que a arquitetura depende do arquiteto, mas ele sozinho não sobrevive. Veja um pintor, que pinta um quadro no ateliê dele e o põe embaixo do braço, leva a uma galeria para alguém ver. Ele é dono do quadro, fez da obra o que quis. Agora, o arquiteto não pode fazer isso. O arquiteto depende, essencialmente, de alguém que encomende. Alguém que pague, alguém que queira que ele faça alguma coisa. Tem de satisfazer a demanda daquele cliente. Sem contar que ele depende de quem vai carregar a lata de cimento, então também é uma obra coletiva.

Talvez seja o momento de retomarmos o nosso fio condutor de pensamento para direcionar algumas possíveis conclusões:

A arquitetura, como síntese da construção criativa, fica evidenciada em alguns aspectos individuais de certos prédios e certas construções, além, também, em alguns casos, de ideais urbanísticos. Benjamin aponta isso no tópico VI do texto "Paris, capital do século XIX", ao mostrar os ideais urbanísticos de Haussmann:

O ideal urbanístico de Haussmann eram as visões em perspectiva através de longas séries de ruas. Isso corresponde à tendência que sempre de novo se pode observar no século XIX, no sentido de enobrecer necessidades técnicas fazendo delas objetos artísticos. As instituições da dominação laica deveriam encontrar a sua apoteose no traçado das avenidas: antes de serem inauguradas, eram recobertas por uma lona e depois descobertas como monumentos.

De qualquer forma, a arquitetura não é prescritiva:

Ela não dita o molde, os materiais ou desenho a ser usado. Vidros brilhantes ou superfícies de titânio e outros materiais do referido movimento "vanguardista" não são a personificação da promessa da arquitetura e realização. Eles são, em última análise, expressões de uma ideologia visual encapsulada em mantras de arquitetura da modernidade. O que estamos experimentando e criando está longe da arquitetura inteligente. Temos negado a nós mesmos a nossa criatividade e nosso dever de enriquecer o tecido cultural de um lugar.<sup>11</sup>

O que a arquitetura – e por consequência o urbanismo – faz é tentar dar uma marca individual a cada construção, e a relação dessas obras com outras obras próximas a ela, a partir de um aglomerado urbanístico, é o que vai marcar a constituição de uma identidade própria de cada localidade, de cada cidade. Os processos modernos, tanto de construções quanto de

<sup>8</sup>KOTHE (1976), pág. 40.

<sup>9</sup>Imagem disponível em: <http://www.tocadacotia.com/cultura/geografia/as-favelas-brasileiras>

<sup>10</sup>Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/identidade-e-identidades-na-arquitetura-brasileira/>

<sup>11</sup>Zaheer Allam & Zarrin Allam, *op. cit.*



**FIGURA 2**  
Favela brasileira

constituições urbanísticas, por meio da globalização, descaracterizam essas marcas de “individualidade” de cada construção, destituindo-a da sua aura. Ainda para Zaheer Allam & Zarrin Allam<sup>12</sup>:

Ao tornar-nos vítimas voluntárias da globalização, não apenas exibimos suas cicatrizes, mas também oscilamos à beira de uma queda livre, abraçando a desconstrução da identidade única de lugares que maravilham e encantam através da sua singularidade. Ao abraçar culturas estrangeiras, muitas vezes negamos nossas próprias raízes.

Que a globalização trouxe inúmeros benefícios para o mundo de maneira geral é inegável, mas, ao mesmo tempo, ela trouxe também problemas sérios que se desdobram em função dos avanços sociais e culturais. Como é dito do conhecimento popular, a globalização serve para aproximar as pessoas que estão longe uma das outras e distancia as que estão próximas (até mesmo uma ao lado da outra). Assim, as cidades também vão perdendo as suas identidades, as suas

características essenciais em função de vários processos advindos das tecnologias. Possivelmente isso tenha começado com o advento da Revolução Industrial, que não serviu para que se fizesse da arquitetura uma norma de construção em massa. Essa revolução trouxe uma nova forma de projetar, com novos meios, novos materiais e novos métodos. A consequência disso hoje em dia é que a arquitetura tem se tornado, na maioria dos casos, uma única identidade do igual, do mesmo, e que já não mais revela – ou mesmo desvela – uma reminiscência de culturas. Perdeu-se totalmente boa parte da identidade que se tinha de várias cidades... perdeu-se a aura desses lugares.

Walter Benjamin já bem o sabia quando finaliza o texto<sup>13</sup> sobre a Paris do século XIX:

Cada época não apenas sonha a seguinte, mas, sonhando, se encaminha para o seu despertar. Carrega em si o seu próprio fim e – como Hegel já o reconheceu – desenvolve-o com astúcia. Nas comoções da economia do mercado, começamos a reconhecer como ruínas os monumentos da burguesia antes mesmo de desmoronarem.

<sup>12</sup>Idem.

<sup>13</sup>Walter Benjamin, 1985, pág. 43.

## Referências bibliográficas

ALLAM, Zaheer & ALLAM, Zarrin. "Invasive Aesthetics: um manifesto para reviver a identidade arquitetônica em nações em desenvolvimento" [Invasive Aesthetics: A Manifesto for Reviving Architectural Identity in Developing Nations] 06 Jul 2013. *ArchDaily Brasil*. (Trad. Baratto, Romullo) Acessado 23 Nov 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/125618/invasive-aesthetics-um-manifesto-para-reviver-a-identidade-arquitetonica-em-nacoes-em-desenvolvimento>>

ARGAN, Giulio C. *História da arte como história da cidade*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

BENJAMIN, Walter. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.